

Este preceito seria perfeitamente aplicável ao caso dos amigos que escolhemos por sua utilidade, pois retribuir serviços prestados por muitas pessoas é uma tarefa laboriosa e a vida não é bastante longa para a realizarmos. Portanto, amigos que excedam o número suficiente para a nossa própria vida são supérfluos e constituem um óbice a uma vida nobilitante; logo, não temos necessidade deles. Também quanto aos amigos que escolhemos com vistas ao prazer, bastam uns poucos, da mesma forma que bastam poucos temperos na alimentação.

Mas em relação aos bons amigos, devemos tê-los tantos quantos pudermos, ou há um limite ao número de amigos de uma pessoa, da mesma forma que há um limite para a população de uma cidade? Não se pode fazer uma cidade com dez pessoas, e se houver cem mil pessoas não teremos mais uma simples cidade. Mas o número conveniente não é a unidade, e sim algo compreendido entre certos limites determinados. Em relação aos amigos, igualmente, há um número limitado — talvez o maior número de pessoas com as quais se possa conviver (considera-se que a convivência é a característica por excelência da amizade, como já vimos²⁹²), mas é óbvio que uma pessoa não pode conviver com muitas outras nem dividir-se entre elas. Além disto, estas pessoas devem ser amigas umas das outras, se elas devem passar seus dias juntas, e é difícil satisfazer esta condição com um grande número de pessoas. Também se pensa que é difícil que uma pessoa possa participar intimamente das alegrias e tristezas de muitas outras, pois provavelmente acontecerá que alguém tenha ao mesmo tempo de alegrar-se com um amigo e de chorar com outro. Presume-se, então, que é bom não procurar ter tantos amigos quantos pudermos, mas tantos quantos bastarem para efeito de convivência, pois parece realmente impossível ser um grande amigo de muitas pessoas. É por isto que não se pode amar muitas pessoas; o amor é uma espécie de amizade superlativa, e isto só se pode sentir em relação a uma única pessoa; logo, também uma grande amizade somente pode ser sentida em relação a poucas pessoas. Esta asserção parece confirmada na prática, pois não encontramos muitas pessoas que sejam amigas à maneira dos companheiros, e as amizades famosas desta espécie são sempre entre duas pessoas²⁹³. Considera-se que as pessoas que têm muitos amigos e confraternizam intimamente com todos não são amigas sinceras de qualquer deles (salvo no sentido em que os concidadãos são amigos) e tais pessoas são também chamadas lisonjeadoras. No sentido em que os concidadãos são amigos, realmente, é possível ser amigo de muitas pessoas sem ser lisonjeador, e sim uma pessoa autenticamente boa, mas não se pode cultivar com muitas pessoas uma amizade baseada na excelência moral e no caráter de nossos amigos, e devemos dar-nos por felizes se encontrarmos uns poucos amigos desta espécie.

11. Serão os amigos mais necessários na prosperidade ou na adversidade? Eles são procurados em ambos os casos, pois enquanto as pessoas na

adversidade necessitam de ajuda, na prosperidade elas necessitam de alguém com quem possam conviver e a quem possam beneficiar, já que desejam fazer bem aos outros. Então a amizade é mais necessária na adversidade, e portanto é dos amigos prestimosos que necessitamos neste caso; mas a amizade é mais nobilitante na prosperidade, e por isto procuramos também neste caso pessoas boas para serem nossas amigas, porquanto é mais desejável fazer benefícios a estas e conviver com elas. A simples presença de amigos é agradável tanto na prosperidade quanto na adversidade, já que as aflições são aliviadas quando amigos compartilham nosso sofrimento. Pode-se portanto perguntar se eles realmente compartilham o peso das aflições, ou se, não sendo este o caso, o sofrimento é de qualquer forma aliviado pelo prazer de sua companhia e por termos consciência de sua solidariedade. Pode-se deixar de lado a questão de saber se é por estas razões ou por outras quaisquer que nossas aflições são aliviadas; seja como for, parece acontecer aquilo que descrevemos.

Mas a presença dos amigos parece conter uma mistura de vários fatores. A simples presença de um amigo nos é agradável, especialmente se estamos na adversidade, e se torna uma salvaguarda contra as aflições, pois um amigo tende a confortar-nos tanto com sua presença quanto com suas palavras se ele é perspicaz, pois ele conhece nosso caráter e as coisas que nos dão prazer ou nos fazem sofrer; mas ver um amigo sofrer com nosso infortúnio nos causa sofrimento, pois qualquer pessoa evita causar sofrimento aos amigos. É por isto que as pessoas de natureza viril se absterem de afligir seus amigos e, a não ser que uma pessoa seja excepcionalmente insensível ao sofrimento, ela não pode tolerar o sofrimento que seu sofrimento causa aos amigos, e não admite que outras pessoas se lamentem com ela, porque ela mesma não é propensa a lamentações; as mulheres, porém, e os homens efeminados, apreciam as pessoas solidárias com suas aflições, e gostam delas como amigas e companheiras na tristeza. Mas obviamente deve-se imitar em tudo as pessoas melhores.

Por outro lado, a presença de amigos quando estamos prósperos faz com que nosso tempo passe agradavelmente e nos traz pensamentos agradáveis a propósito de seu prazer diante de nossa boa sorte. Por isto parece que devemos convidar prontamente nossos amigos para partilha-rem de nossa boa sorte (é nobilitante querer fazer benefícios), mas devemos hesitar em convidá-los quando estivermos em situação adversa; de fato, devemos fazê-los compartilhar o mínimo possível nossos males — daí o provérbio “Meu próprio infortúnio é bastante”. Devemos chamar nossos amigos para ajudar-nos principalmente quando eles estiverem em condições de prestar-nos um grande serviço à custa de um pequeno incômodo para si mesmos.

1171 b